

MOVIMENTO POPULAR E HISTÓRICO DE CANUDOS: SIGNOS DE ESVAZIAMENTO DO DISCURSO DE PODER RELIGIOSO, POLÍTICO E LATIFUNDIÁRIO¹

Lucicleide Guimarães Ribeiro²

Resumo: O presente artigo trata de um estudo sobre a arqueologia dos signos linguísticos de Saussure e sobre esvaziamentos de discursos, como estratégia de enfrentamento, feita pelo Padre Enoque Oliveira, enquanto líder do Movimento Popular e Histórico de Canudos, aos poderes dominantes que atuavam no município de Monte Santo na década de 1980, como clero, latifundiários e poder governamental. Objetiva analisar os discursos utilizados pelos poderes, refletindo sobre estratégias de desmonte dos signos fortemente estabelecidos. Tecendo os signos a partir de Saussure (1916), Oliveira (1997), Santos (2016) e outros, o texto traz a linguagem como instrumento social utilizada para externar o grito dos excluídos.

Palavras-Chave: Arqueologia dos Signos. Poderes dominantes. Movimento Popular e Histórico de Canudos.

POPULAR AND HISTORICAL MOVEMENT FROM CANUDOS: SIGNS OF EMPTYING IN RELIGIOUS, POLITICAL AND LANDOWNER'S DISCOURSE

Abstract: This is a research study on Saussure's archeology of linguistic signs and on the emptying of discourses, as a confrontation strategy, made by Father Enoque Oliveira. He is as leader of the Popular and Historical Movement from Canudos (Movimento Popular e Histórico de Canudos) which deals against the dominant powers (clergy, landowners and government power) that acted in the municipality of Monte Santo (Bahia) in the 1980s. Therefore, this paper aims to analyze the discourses used by powerful political and economic groups from that region, reflecting on strategies that have dismantled strongly established signs. Based on the signs by Saussure (1916), Oliveira (1997), Santos (2016) and

¹ Este estudo é apresentado como atividade avaliativa do Componente Curricular Seminários Avançados I, sob a orientação dos professores Dr. Osmar Moreira dos Santos e Dr. Cosme dos Santos, ministrado no semestre 2021. 2.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (PÓS-CRÍTICA/UNEB), Linha de Pesquisa 1: Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos. Endereço eletrônico: lucicleide_let@hotmail.com.

others, this text brings language as a social instrument used to express the 'Cry of the Excluded'.

Keyword: Archeology of Signs. Dominant Powers. Popular and Historical Movement from Canudos.

Introdução

O presente trabalho surge como uma forma de mostrar o signo em seu seio social, o signo em movimento na cultura popular, no nomadismo dos camponeses de mãos calejadas da labuta diária pela sobrevivência em um sertão dominado por uma hierarquia de coronéis e políticos que utilizam a igreja como instrumento de manobra das massas. Mostra não somente a arbitrariedade do signo de Saussure (1916), como também a arbitrariedade dos poderosos que abusam do poder, se apossam da terra e de todos os direitos dos lavradores do município de Monte Santo-Bahia.

Traz uma arqueologia sógnica da existência humana que se realiza nas relações sociais. Uma arqueologia que ganha vida no seio do Movimento Popular Histórico de Canudos³, onde os signos são provocados por uma ordem e uma "desordem" constante. São diferentes discursos que movimentam os signos linguísticos e a linguagem é utilizada como o instrumento do grito transgressor do camponês, utilizada também como instrumento de alienação e de promessas dos poderes instituídos.

Sendo este artigo oriundo de uma pesquisa bibliográfica, compartilho os signos, à luz de aportes teóricos de Saussure (1916), Oliveira (1997), Santos (2016) e outros, além das minhas vivências como camponesa do Movimento de Canudos⁴. Esse embasamento é o ponto de partida para responder a problemática deste trabalho: Como o Movimento de Canudos, através da liderança de Padre Enoque Oliveira⁵, deu conta de uma arqueologia dos signos capaz de desmontar e esvaziar discursos fortemente estabelecidos?

³ O Movimento Popular e Histórico de Canudos é uma organização social inspirada no Belo Monte e em Antônio Conselheiro. Foi forjado nas comunidades de base do município de Monte Santo-Bahia com a liderança do Pe. Enoque Oliveira que mobilizou camponeses na luta pela terra e por igualdade.

⁴ Sempre que citar o termo Movimento de Canudos estou me referindo ao Movimento Popular e Histórico de Canudos.

⁵ Pe. Enoque Oliveira é um esvaziador de signos, líder do Movimento Popular e Histórico de Canudos, escritor, pesquisador e escavador da história de Canudos.

Para dar conta da problemática, inicialmente apresenta-se uma arqueologia dos signos linguísticos e suas repercussões com base nos estudos de Saussure (1916). Em seguida, mostra o trabalho dos signos no Movimento Popular e Histórico de Canudos através da mobilização de camponeses na luta por seus direitos. E, por último, mas não menos importante, apresenta um exercício crítico cultural no esvaziamento dos discursos dos poderes religiosos, latifundiários e políticos realizado pelo Padre Enoque Oliveira à frente do Movimento de Canudos, mostrando os desafios enfrentados na condução dos trabalhos revolucionários junto às comunidades rurais do município. Diante disso, espera-se cumprir o objetivo deste artigo que é analisar os discursos utilizados pelos poderes, refletindo sobre estratégias de desmonte dos signos fortemente estabelecidos.

Saussure: arqueologia dos signos linguísticos e suas repercussões

Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra na Suíça em 26 de novembro de 1857 e morreu em 27 de fevereiro de 1913. É atribuído a Saussure o título de pai da linguística moderna. Existia toda uma inquietação sobre a forma como a linguística era organizada, então Saussure define o seu objeto e a transforma na ciência da linguagem. Esta ciência traz a língua como um sistema de signos linguísticos, onde a linguagem tem um lado social e outro individual, sendo para Saussure, impossível conceber um sem o outro.

O Curso de Linguística Geral é uma obra póstuma, produzida a partir de um curso ministrado por Saussure entre 1907 a 1911 na Universidade de Genebra. As anotações de seus alunos são recolhidas por Albert Sechehaye e Charles Bally que reúnem esse material e publicam o CGL em 1916.

O signo linguístico é resultado da união entre imagem acústica e conceito, o significante e o significado, sendo esta relação arbitrária.

A arbitrariedade é um princípio tratado por Saussure como a relação entre significante e significado. É explicado pela imotivação, pela falta de explicação existente entre esta relação. Dessa forma “queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (CLG, [1916] 2006, p. 83). Na sua relação com o tempo o autor mostra que porque é arbitrário não há razão

para o signo mudar e por ser arbitrário nada impede a mudança. Isso indica que a língua sofre alterações com o tempo que podem ser estudadas por duas perspectivas: uma que leva o tempo em consideração e outra que caminha por fora dele.

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário (CLG, [1916] 2006, p. 81).

Saussure contribui com a ciência trazendo uma arqueologia dos signos linguísticos que mantém conectados o significante e o significado na prática social e no uso coletivo da língua. Uma arqueologia que busca entender como, através da língua, construímos nossa cultura, nossa história, nossa identidade, nossa consciência individual e coletiva, como construímos o nosso existir. Nessa construção signíca da existência humana, os movimentos sociais são a máquina das representações que dão sentido a busca por dignidade.

Os movimentos sociais são signos de representação de resistência, representação simbólicas da cultura popular, são conjuntos de significados partilhados na relação social. São signos que representam categorias que reivindicam seus direitos que são negados por uma hierarquia elitizada que concentra a riqueza do país. A linguagem é o instrumento social utilizado para externar o grito por liberdade dos marginalizados.

Por este caminho, percebemos o quanto Saussure nos provoca a refletir sobre suas contribuições com a linguística moderna. Apesar de criticado por priorizar a língua e não o sujeito, Saussure deixa claro que a linguagem é social e individual, entendendo que não existe língua sem sujeito nem sujeito sem língua. Suas teorias continuam sendo bases para novos pensamentos que se contemplam ou se contrapõem, mas este é um movimento necessário para a ciência.

O trabalho do signos no movimento popular e histórico de canudos

No início da década de 1980, na cidade de Monte Santo, interior da Bahia, com signos fortemente estabelecidos nas ideologias dos três poderes dominantes da época, o religioso, latifundiário e governamental, tem início um movimento de camponeses liderado por um padre: Enoque de Oliveira. Esse religioso vem à cidade de Monte Santo com a missão de assumir a paróquia. Ao chegar na cidade, o Padre retém uma imagem de aridez, de subserviência da comunidade religiosa ao poder político local, aos coronéis donos das terras, além de uma igreja utilizada como manobra das massas. Mas retém também a beleza e o encanto do santuário:

Nesse clima, penetro na caatinga para o primeiro encontro pessoal com o sertão bravio acossado pela seca. Pisei naquele solo consagrado pelo terço e o bacamarte, à hora da Ave-Maria, em que o menino Bastinho tocava com a santidade de Timotinho do Vaza-Barris. Mirei o lugar, era lendário. No sopé da paisagem esboçava-se a montanha silenciosa, calvário sertanejo abraçando a pequenina cidade. Clareando aquele postal agreste exibiam-se as muralhas embranquecidas do Conselheiro como a elevar as noturnas preces do estranho romeiro contemplando aquele pedestal místico da Divina Santa Cruz. Bateu-me a sensação de haver encontrado um tesouro magnífico. Ali começava o definitivo aprendizado conselheirista (OLIVEIRA, 1997).

Inicia ali uma luta de organização social de combate aos signos impostos pelos poderes dominantes que não teriam mais a igreja como manobra das massas para interesse dos poderosos. O evangelho já não tem o mesmo significado, sai da visão de obediência para o signo da libertação. Era necessário provocar a população, criar condições para a reflexão da condição social dos sujeitos.

Do lado subalternizado estavam os camponeses, com fome, com sede, sem terra, sem perspectiva. Do outro lado estavam a hierarquia clerical, os coronéis políticos e grandes latifundiários com seu poder militar na mão.

Os camponeses já calejados com a indústria da seca, da fome e da miséria veem na liderança desse padre uma esperança de dias melhores, mesmo sabendo que enfrentariam chumbo grosso⁶ na luta por seus direitos.

Os poderosos já acostumados com a mão de obra escravizada, com a grilagem das terras dos posseiros, com o poder de manipulação, com a alienação através das manobras do discurso religioso, com o poder da repressão veem uma grande ameaça na figura dessa liderança que chega a cidade esvaziando os discursos enraizados.

Nesse contexto, os camponeses começam a se reunir, agora não só para ouvir as palavras da missa, mas para serem ouvidos, para dizerem de suas dores e começarem a planejar os arrombamentos estratégicos dos poderes. Assim nasce o Movimento Popular e Histórico de Canudos ainda ligado à igreja católica, mesmo com reservas da hierarquia do clero:

Debaixo dos umbuzeirais, em barracas, capelas, casas de farinha, os camponeses em assembléia foram tirando as prioridades do trabalho: defesa da terra livre para o bode se criar, terra para trabalhar e morar, criação de açudes, vivência profética do evangelho incorporado à religiosidade popular, denúncia aberta contra a injustiça generalizada, defesa de escola, etc. Assim, nascia o Movimento Histórico de Canudos, nas cercanias de Monte Santo e região, originado no trabalho das comunidades populares, formadas à sombra da igreja oficial, sofreram resistência do clero desde o nascedouro (OLIVEIRA, 1997).

O Movimento de Canudos, na liderança de Enoque, teria agora a missão de desconstruir os signos da igreja, desconstruir as promessas enganosas dos poderosos durante as celebrações das missas através da linguagem poética, através das músicas compostas por Enoque, através das leituras de textos bíblicos, dando um significado diferente do que aquele povo estava acostumado a ouvir. Era necessário criar condição àquele povo:

⁶ O termo chumbo grosso é utilizado no sentido literal da palavra. Os grileiros contratavam pistoleiros com armas pesadas para assegurar que os camponeses não encostassem em suas terras.

Se o imperialismo estende os seus tentáculos a todo o planeta, explorando, oprimindo, assujeitando, cabe, onde quer que isso ocorra, reunir os signos dessa exploração e organizar a passagem de assujeitados para a condição de sujeitos dessa e daquela história local (SANTOS, 2016, p. 60).

O povo camponês encontrava nessa organização a força para lutar contra o silenciamento, o apagamento de sua voz. Essa era a chance de sair da condição de subalternizado para protagonizar o corte de arame, a defesa da sobrevivência da sua família.

A mobilização cresce, reuniões são articuladas por líderes de cada comunidade. Os camponeses rezam, leem a bíblia, cantam as músicas de Enoque e se organizam para derrubar as cercas que já levam seus quintais pela grilagem. A repercussão é grande por parte da imprensa e o Movimento de Canudos começa a atuar em outros municípios na luta pela terra. A pressão aumenta e os latifundiários, políticos e igreja reagem, resultando na prisão do Padre, na expulsão do mesmo da igreja e a violência assusta a comunidade, ameaças de mortes agora são comuns, pistoleiros por todos os lados e os militares à disposição dos poderosos. Os discursos são disseminados para desacreditar a organização popular.

[...] os discursos hegemônicos a respeito dos movimentos sociais tendem a ser depreciativos e estereotipados porque reconhecer virtudes como a capacidade de resistência e organização por parte das comunidades populares é também mostrar o fracasso do modelo institucional que, hierarquizando, exclui e marginaliza. Está claro que essas ações de resistência são incômodas e podem provocar reações (COSTA; PEREIRA, 2020).

O Movimento se torna independente da igreja e sofre repressões. A segregação se concretiza e o povo tem que decidir de que lado está. “O cerco apertando do adro da Santa Cruz: não casa, não batiza quem é do movimento. E como o batistério é o documento válido da aposentadoria. Ah! Como é difícil manter o camponês no trabalho popular” (OLIVEIRA, 1997).

Os signos se repartem. Cada instituição agora tem uma perspectiva, os símbolos e significados são diferentes. De um lado a igreja com sua romaria

de Canudos pregando um conselheiro messiânico, do outro lado o Movimento de Canudos com a Celebração Popular pelo Mártires de Canudos buscando dramatizar uma história de luta que serve de inspiração para esta batalha que os camponeses travam até hoje contra o poder dominante. Além do lado dos pesquisadores que ora consideram as lutas camponesas atuais, ora ignoram:

O Canudos das Elites, fomenta a pesquisa acadêmica dissociada da dinâmica do mundo camponês. O Canudos Romeiro, trabalha um beato espiritualista que se incorpora ao ambiente clerical. E o Canudos popular, síntese de história e luta, passado e presente, religiosidade e profetismo guerreiro, é grito e revolta de luta do povo camponês (OLIVEIRA, 1997).

O Movimento de Canudos traz o camponês para o protagonismo, agora ele sabe que tem o poder de “anular os dispositivos de controle” (SANTOS, 2016) e já tem a consciência da defesa do seu direito, sabe onde buscar e tomam das mãos dos coronéis o Sindicato dos Trabalhadores Rurais para terem uma representação legalizada. Eles reconhecem que a força está na união e no trabalho coletivo. Os signos movidos por esta organização social se esvaziaram para se reconstruir.

Pe. Enoque e o esvaziamento do discurso religioso, latifundiário e político: exercício crítico cultural

O signo é carregado de significado social, histórico, cultural e ideológico. Ele expressa a identidade dos sujeitos em sua vida individual e coletiva. O signo linguístico revela na linguagem e no discurso as ideologias de determinado sujeito em sua interação social.

Os discursos e ações encontrados por Enoque em Monte Santo são carregados de ideologias dominantes e são utilizados para manter o povo pobre em submissão.

O discurso religioso traz a liturgia do silenciamento das massas, a imposição de seu dogma. A igreja prega o conformismo, a resignação e a obediência aos planos dos dominadores. O signo do pecado é a repressão da rebeldia. O latifundiário rouba terra, manda o pistoleiro matar quem provoca a “desordem”, escraviza, mas quem tem que temer o pecado são os

sobreviventes pela fé. “Todos querem o Monte Santo com seu misticismo burguês, mas qualquer sinal de rebeldia contra a ordem coronelística, lá vem o bispo e o coronel ditando que é pecado” (OLIVEIRA, 1997). A igreja manipula pela linguagem bíblica, através de uma evangelização burguesa e segue como instrumento de manobra das massas pelos poderes ali instituídos.

O discurso latifundiário era o mesmo político, pois quem comandava o município eram os coronéis donos da maioria das terras. Os grileiros que não eram políticos bebiam da mesma fonte de poder e as ideologias eram as mesmas. Para esse grupo fascista não é difícil imaginar o posicionamento, pois o objetivo da elite brasileira continua o mesmo: garantir a integridade dos interesses do grande capital. As terras podem ser improdutivas ou servir ao agronegócio, mas é preciso manter a concentração de riqueza, a fatia maior sempre vai estar nas mãos da minoria, enquanto as massas camponesas continuam na condição de condenados da civilização.

O capitalismo é determinante: manda quem pode e obedece quem não tem coragem para lutar. E coragem não faltava a este padre, que imagino que seria uma exceção para Nietzsche⁷, pois ele não era um padre que afirmava os dogmas impostos pela igreja, nem um reproduzidor de um evangelho fascista da moral cristã. Ele pregava a filosofia do combate à injustiça que se concretizava na grilagem de terra, na falta de políticas públicas que oferecessem o mínimo de dignidade ao povo pobre, ao povo camponês.

Para Enoque, numa elevação crítica do homem religioso, ciente do seu papel neste mundo desigual, ciente de que para classe trabalhadora nada cai do céu, consciente de que a resistência é a sua maior arma, constituía o trabalho para o esvaziamento do discurso dos produtores do atraso planejado⁸ de Monte Santo.

⁷ Nietzsche, em seu livro *O anticristo*, demonstra um sentimento de repulsa aos sacerdotes. Porém, no texto faço uma provocação ao imaginar que o Padre Enoque seria uma exceção para Nietzsche por ser um transgressor da moral cristã.

⁸ Termo utilizado pelo Pe. Enoque Oliveira durante suas palestras e citado nos textos produzidos por ele para a 22ª, 24ª e 30ª Celebração Popular Pelos Mártires de Canudos.

[...] de luta e seus modos de enunciação são singulares e respondem a uma dobra do poder, como acontecimento: confronta o chefe local, expõe representantes do sistema de poder (a cada instância que interpela e supera em sua vontade de justiça), mobiliza seus poucos recursos de camponeses pobres... [...] ativa sua sensibilidade e inteligência, à medida em que os desafios vão se colocando durante seu processo de luta e enfrentamento (SANTOS, 2016, p. 61).

É necessário eleger uma cena: a mobilização das massas para a dobra do poder. Os camponeses tinham a consciência dos seus direitos, mas faltava um líder que lhes provocasse a coragem e lhes desse a munição (informação, organização) para começar a resistência. Durante as assembleias acontece o movimento da semiótica e os signos são esvaziados para ganhar novos sentidos, agora eles entenderiam que:

[...] não se deixariam determinar por quaisquer formas de dominação, ou mais que isso: cada ser humano, pobre e explorado, pode, em seu local de exploração, dispor desses signos e avaliar suas formas e ocorrências – quem os produz, sob que vontade – e movimentar uma outra semiótica de deslocamento e reversão (SANTOS, 2016, p. 102).

Os camponeses entendem a importância dessa retomada, em diferença, da história de Canudos, não mais como uma forma de denunciar o genocídio, mas entendendo que o povo camponês é massacrado desde os primórdios e somente através da luta e resistência é possível transgredir e se emancipar. A organização ganhou o nome de Movimento Popular Histórico de Canudos porque tinha como inspiração de luta aqueles camponeses que decidiram romper com os laços da submissão, construindo sua própria história e deixando como exemplo a resistência.

Revisão a partir dos olhares dos oprimidos. Realça a busca de identidade com aquele povo do Belo Monte. [...] Esclarece que há uma continuidade histórica, uma relação íntima entre Canudos velho e o novo e que este é um assunto do povo camponês (OLIVEIRA, 1997).

E como “Não é com discursos que se transforma o mundo, mas com ações efetivas, principalmente se associadas ao quebra-quebra de uma ordem burguesa para a instalação de uma nova ordem socialista” (SANTOS, 2016, p. 121) os camponeses vão a campo, ocupam espaços, rompem o silenciamento e derrubam muros e cercas que impedem a sua profanação⁹ e abertura de novas paisagens emancipatórias.

Aquele movimento promove a elevação intelectual dos camponeses através do exercício crítico cultural. Os analfabetos, que nunca tiveram acesso à leitura, agora descobrem a linguística e a literatura durante as discussões. Conhecem, através do repertório de Enoque, Thomas More, Victor Hugo, Dostoievski e tantos outros pensadores. É na prática social que os camponeses vão adquirindo letramento e alfabetização. Através das canções compostas por Enoque, muitos saem da condição de analfabetos e passam a enxergar o mundo das letras.

O movimento estruturado a partir da vida concreta das comunidades, possibilitou aos camponeses extrair das lições de suas próprias de luta. Desse modo, eles iam reelaborando sua visão de mundo. O instrumento material das discussões era o evangelho e a vida. Desse binômio os camponeses iam formulando sua teologia. Elaborando uma nova leitura de Deus e do sertão, inspirados na realidade material e religiosidade popular, puderam explicitar sua visão do Canudos do Vaza-Barris. Interpretando, teorizando, levantando hipóteses e aproximando-se da "verdade histórica" do movimento conselheirista (OLIVEIRA, 1997).

Os camponeses, mesmo sem escolaridade, elaboram uma visão crítica do seu espaço e do mundo, reconhecem que somente pela luta, pela união e pela formação social são capazes de violar os signos da exploração. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2013, p. 108).

⁹ “[...] expressa [...] as formas da atividade de que se emancipou, esvaziando-as, porém, de seu sentido e da relação imposta com uma finalidade, abrindo-as e dispondo-as para um novo uso” (AGAMBEN, 2007, p. 66).

Enoque esvazia as promessas da igreja de salvação para os conformados, resignados e submissos; esvazia a promessa dos latifundiários que tomavam as terras e prometiam empregos que escravizavam; esvazia promessas de políticos que prometiam o assistencialismo em troca do voto. E como toda ação gera uma reação e “Os poderosos temem as virtudes, porque elas têm o poder de provocar a resistência contra a dominação e contagiar aqueles que devem derrubar suas estruturas” (BOGO, 2009, p. 41), que são abaladas e o poder dominante trabalha para acabar com o movimento. Mandam prender o padre sob articulação da igreja, coronéis políticos, latifundiários e poder judiciário. Porém nada intimida o povo camponês que segue resistindo e se fortalecendo em cada batalha vencida porque a luta da classe trabalhadora é um eterno devir.

Considerações finais

Duas provocações que o Pe. Enoque sempre colocou em discussão é: Como vencer o atraso planejado? E como encontrar caminhos novos, caminhos do povo, caminhos de libertação que respondam as exigências de hoje? São questões ouvidas por nós camponeses desde o início do Movimento nos anos de 1980 e que continuam pertinentes para os dias atuais.

O sertanejo continua na mesma peleja do belomontense, pouca mudança aconteceu desde a guerra de Canudos. A terra continua improdutiva nas mãos dos grandes latifundiários, a fome, a seca, a miséria ainda é uma realidade que tem se agravado com as condições atuais de pandemia. Os discursos ainda são os mesmos e continuamos servindo a um capitalismo voraz que tira proveito do sofrimento do povo em tempos pandêmicos. O sistema continua oprimindo e silenciando os marginalizados.

A revolução promovida pelo Movimento de Canudos é inspiração para novas mobilizações sociais. O enfrentamento de uma ordem que alienava foi o maior desafio de um povo que, mesmo analfabeto, tinha uma visão crítica do mundo ao seu redor e tinha noção da grandeza da sua força.

São duas ordens: a ordem onde a regra imposta deve ser seguida com subserviência, e a desordem, uma nova ordem para os transgressores que saem das linhas impostas e buscam novas veredas neste sertão.

Nesse grande universo dos signos foi possível perceber que o Movimento de Canudos *demarcou o passado*, retomando, em diferença, a história de Canudos, retendo a imagem da força do sertanejo como inspiração, *se firmou no presente*, esvaziando discursos, enfrentando o pistoleiro, a justiça cega por conveniência, enfrentando todos os poderosos para *disputar o futuro*, instrumentalizando crianças e jovens, seja para as batalhas no campo das ideias, seja para as batalhas do corpo a corpo. O importante é nunca se acomodar, se assujeitar ou aceitar a condição de marginalizado. O exercício crítico cultural é saber quem produz a dominação, a quem interessa e saber fazer a revolução necessária para a libertação.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Profanações /Trad. e apresentação de Selvino José Assmann.-São Paulo: *Boitempo*, 2007.

BOGO, Ademar. *O MST e a cultura*. Campos Elíseos, SP: MST, 2009.

COSTA, Edil Silva; PEREIRA, Edisvânio do Nascimento. (2020) Palavra patrimônio: narrativas orais no assentamento rose. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, v. 5, n. 14, p. 593-611, maio/ago.Salvador..

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 55. ed. rev.e atual-Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

NIETZSCHE, F. *O Anticristo*. 3. ed. São Paulo: Editora Escala.

OLIVEIRA, Enoque José de. Movimento histórico de Canudos. *Revista Canudos*– UNEB, v. 2, n. 2. Salvador, 1997.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *A luta desarmada dos subalternos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Recebido em 21 de maio de 2022.

Aceito em 18 de junho de 2022.